



AS NAUS DO *ETHOS*: EPOPÉIA, MEMÓRIA E LEITURA ENTRE ANTIGOS E MODERNOS

Jennyfer Brenda Pinheiro Martins(PQ)^{1*}
Juliano de Almeida Pirajá(PQ)²

Resumo: Estabelece-se, nesta pesquisa, diálogo entre a Odisseia, de Homero, e o romance contemporâneo, O Navio de Teseu, de J.J Abrams e Doug Dorst. Reconhecendo uma influência que a Antiguidade Grega exerce no mundo moderno, torna-se possível mostrar como a referida narrativa da antiguidade reflete na contemporaneidade, tem como objetivo discutir a herança advinda da epopeia clássica e compreender como as obras posteriores ao romance grego são capazes de lidar com a herança deixada dos cantos antigos. A partir dessa perspectiva, observando a influência que a antiguidade exerce foi possível notar que o mundo moderno mantém diálogo com obras antigas a fim de não esquecer o que por alguns já foi tido como perdido. Portanto, neste texto é discutido como o mundo moderno lida com fontes que são de extrema importância para a construção de novas narrativas que caracterizam uma reconfiguração da antiguidade épica e portando configurando-a em um romance memorável.

Palavras-chave: Antiguidade. Odisseia. Contemporâneos. Memória. Retorno.

Introdução

A Epopéia Homérica **Odisséia** ainda mantém laços com a ficção contemporânea, foi contraposta ao livro **O Navio de Teseu (2014)** do escritor, novelista e professor Doug Dorst e do Produtor de televisão e cinema J.J. Abrams, procurando estabelecer um novo jogo de representações do par mito e história fugindo das limitações impostas pelos estudos que veem o mito como uma expressão específica. Nesta perspectiva as duas narrativas dizem respeito a distintas viagens que podem dizer muito no que se refere à heroicidade conquistada através de aventuras em alto mar, e na presentificação da epopeia como recurso de memória para a ficção moderna.

¹ Graduanda do 6º semestre de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás - Campus Formosa. jennyfer.brendaa@gmail.com

² Prof. Mestre, pela Universidade de Brasília. Atualmente professor pela Universidade Estadual de Goiás - Campus Formosa. julianopiraja@hotmail.com



Material e Métodos

A partir das leituras da obra de Abrams e Dorst juntamente com a epopeia homérica foi possível levantar questões que deixam evidente um constante diálogo entre antigos e contemporâneos. Foram usadas diversas obras para que houvesse uma compreensão maior do que é proposto pela pesquisa, diversos autores como Reinhart Koselleck, Umberto Eco, Gustavo Bernardo etc. Com isso obtivemos êxito em mostrar um diálogo das obras base com outros livros teóricos, a fim de estabelecer uma linha de pensamento reforçando o assunto abordado pela pesquisa. Com a leitura do marginalia de J.J Abrams e da antiga obra grega ficou evidente em como as narrativas que envolvem viagens em alto mar e seus respectivos heróis estão sendo continuamente adaptados na contemporaneidade, mostrando que as obras “modernas” estão constantemente indo ao encontro de fontes antigas.

Resultados e Discussão

Ao pensar numa influência em que a antiguidade exerce no mundo contemporâneo, nota-se que entre elas encontra-se a Epopeia Homérica Odisseia, com um tempo amplo que separa o mundo contemporâneo, do século XXI e do período em que provavelmente foi escrita a epopeia clássica no século VIII, é possível notar que em muitos séculos as interpretações e reconfigurações da obra são inúmeras, sendo assim configurando-a ao papel de eterna.

Diremos então que na medida em que remetente e destinatário se referem a uma cadeia de léxicos conotativos de grau e força vários, e na medida em que, se não o código, pelo menos grande parte desses léxicos diferem, a mensagem como forma significante surge como uma forma vazia a que se podem atribuir os mais diferentes significados. (ECO, Umberto. 2013, 46)

Analisando a epopeia homérica é possível recordar-se de que é uma obra que é vista como um meio de contar a verdade de uma história passada, já que a partir da própria historiografia, a partir do peso que a própria obra carrega sobre essa verdade, nota-se que a marginalia de Abrams e Dorst “brinca” com esses fatos

REALIZAÇÃO



recorrendo à ficção. Embora o romance contemporâneo faz uso da fantasia, ela não deixa de continuar contando a verdade que existe dentro do épico grego, e mesmo se houvesse um rompimento do imaginário contemporâneo com os gregos, a epopeia ainda se faz passado e presente, de forma que ela conta a verdade do passado e dita uma verdade no presente.

Segundo Lucília DELGADO³, as memórias estão em diálogo com o passado e presente, portanto quando ao ser contraposta ao livro O Navio de Teseu, a epopeia homérica é observada como influência na escrita do romance de Abrams e Dorst, já que as mesmas falam de viagens em alto mar, heróis buscando seu retorno a sua antiga história e até mesmo a paixão desenfreada por Penélope. É justamente o fato desse romance do século VIII ainda influenciar o mundo contemporâneo que torna capaz de mostrar que os escritos da antiguidade ainda estão vivos nas memórias, embora tentem criar novos romances, aqueles mitos ainda norteiam o imaginário do homem moderno, fazendo com que pense num retorno aos seus ancestrais.

O jogo encenado do texto não se desdobra, portanto, como um espetáculo que o leitor meramente observa, mas é tanto um evento em processo como um acontecimento para o leitor, provocando seu envolvimento direto nos procedimentos e na encenação. Pois o jogo do texto pode ser cumprido individualmente por cada leitor, que, ao realizá-lo de seu modo, produz um suplemento "individual, que considera o significado do texto. (ISER, 2002, p. 116.)

Ao ler as epopeias gregas percebemos que há uma presentificação das musas e como elas inspiram os heróis que estão inseridos na trama, na marginalia de Abrams e Dorst não existem musas, nem mesmo deuses, mas há certos momentos em que a imagem de Sola, a paixão de S. está tão presente no contexto em que se encontra, que é possível pensar numa musa que inspira o jovem herói a retomar sua identidade, de maneira que é ela, assim como Penélope na epopeia homérica infunde em Ulisses a ir de encontro com sua história, seu eu. O tão esperado retorno do herói grego a Ítaca, o retorno e a descoberta de S., ver-se posto a ouvir sua própria história, sentir as lágrimas da saudade e da dúvida, um luto por sua própria história, mas que agora revive de maneira que as lágrimas vão de encontro com a diferença temporal que os rodeiam. Tudo está entrelaçado tornando

³ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Pg.8. Autêntica, 2017.



possível que se pense numa reconfiguração do épico grego no romance moderno de Abrams e Dorst, o que antes eram puros acontecimentos tornaram-se história.

Fazer um paralelo entre passado e presente traz o pensamento de uma ideia sobre o eterno retorno de uma influência que se fez tão forte que foi possível permanecer mesmo com o espaço temporal que os separam. Embora as obras contemporâneas estejam continuamente tentando desvencilhar-se de uma cultura que é vista por eles como arcaica, e como diz Zumthor⁴, pode ser fadada ao esquecimento, ela não foi de fato esquecida. Segundo Seneca, “Será que eu não sigo os meus predecessores? Faço-o, mas permito a mim mesmo inventar, mudar ou deixar alguma coisa.” (Seneca, *Epistola a Lucilio*, 80, 1). A partir desses aspectos é possível notar quão atual a se faz epopeia dentro das narrativas contemporâneas, sendo assim ela se faz eterna dentro da contemporaneidade.

Considerações Finais

Nesse aspecto, embora numa tentativa de desvencilhar-se desse retorno e dessa influência, é quase impossível ver-se totalmente livre da epopeia homérica, ela fez parte de uma tradição oral e embora tenha obtido um leque de interpretações, de alguma forma ela permanece, já que segundo Umberto Eco⁵, a partir do momento em que são interpretadas e reinterpretadas são configuradas ao conceito de memorável. Contrariando o pensando que norteia as produções do mundo contemporâneo, ainda não é possível desvencilhar-se desse épico clássico que abriu o imaginário do homem contemporâneo para romances que abarcam viagens marítimas, heróis e um retorno à sua história. Portanto a antiguidade passa a ser vista como um espelho para a modernidade, levando-os a criar narrativas que são singulares, mas que ainda estão submergidas na tradição grega.

⁴ Zumthor, Paul. “Performance, recepção e leitura”. Pg. 19-25. São Paulo, Cosac Naify, 2007.

⁵ Eco, Umberto. Pg. 59. Perspectiva, 1974.



Agradecimentos

Aos meus pais que me incentivam a buscar o conhecimento e a não desistir, ao meu orientador Juliano Pirajá que acreditou em mim e abraçou o projeto para que fosse possível realizá-lo. Aos meus amigos, em especial Lisandra Siqueira e Lucas Corrêa que me incentivaram e me deram suporte para que fosse realizada minha pesquisa.

Referências

- BAKTHIN, Mikhail.** Questões de literatura e estética: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BERNARDO, Gustavo.** O livro da metaficção. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.
- BLANCHOT, Maurice.** A literatura e o direito à morte In: A parte do fogo. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- Deleuze, G.** (2006). *Ilha Deserta*, A. Editora Iluminuras Ltda.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves.** História oral-memória, tempo, identidades. Autêntica, 2017.
- ECO, Umberto.** A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica. Tradução Pérola de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FLUSSER, Vilém.** O mundo codificado. São Paulo: CosacNaify, 2007b.
- Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- KOSELLECK, Reinhart.** Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006.
- LIMA, Luiz Costa.** História, ficção, literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- VERNANT, J.-P.** As origens do pensamento grego. Trad. port., 7ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre.** Mito e tragédia na Grécia antiga. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ZIZEK, Slavoj.** Bem-vindo ao deserto do real! São Paulo: Boitempo, 2003.
- ZUMTHOR, Paul.** Performance, recepção, leitura. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2007.